

Breve introdução ao estudo das Paixões em S. Tomás de Aquino (II)

Resumo

Após ter-se dedicado a estudar no artigo anterior o originar-se das paixões no apetite sensitivo, o autor considera agora brevemente: o significado etimológico do termo “passio”, seu significado no pensamento de S. Tomás, a definição de paixão que este oferece, a classificação das paixões, sua moralidade e por fim, a ordem existente entre elas. A reflexão sobre este tema tão antigo e ao mesmo tempo tão atual nos deixa entrever uma vez mais no pensamento de S. Tomás de Aquino uma doutrina unitária e harmoniosa a respeito do homem, da qual tanto carece o pensamento moderno e pós-moderno.

Summary

After having dedicated himself to the study in a previous article the origins of the passions in the sensitive appetite, the author now briefly considers: the etymological meaning of the term “passio”, its meaning in the writings of St. Thomas, the definition of passion which this offers, the classification of the passions, their morality and in the end, the order which exists between them. The reflection on this theme which is both ancient and yet so timely allows us once more to catch a glimpse of the thought of St. Thomas, a unified and harmonious teaching with respect to man, concerning which modern and post-modern thinking is seriously lacking.

* * *

I. Introdução

No artigo anterior estudamos a sede das paixões, em outras palavras, os princípios a partir dos quais elas são geradas: as potências da alma e nomeadamente, o apetite sensitivo¹. Passaremos a considerar brevemente neste artigo: o significado etimológico do termo “passio”, seu significado no pensamento de S. Tomás, a definição de paixão que ele oferece, a classificação das paixões, sua moralidade e por fim, a ordem existente entre elas.

Muito útil para o entendimento do pensamento de S. Tomás sobre as paixões é a definição, acompanhada de uma explicação, dada por Santiago Ramirez O.P.² e, no que se refere à classificação das paixões, a contribuição dos estudos de Marcos Manzanedo O.P.³, portanto, dois grandes intérpretes do pensamento de santo Tomás no século passado.

II. Significado do termo “passio”

Antes de passarmos à consideração da definição de paixão usada por S. Tomás, vejamos como esta é considerada na linguagem ordinária e na linguagem filosófica em geral.

Na linguagem ordinária paixão indica o ímpeto de uma inclinação a um objeto determinado e que se manifesta sob a forma de atração ou repulsão. No uso filosófico o termo paixão tem um emprego vastíssimo e indica em geral o estado de um «sujeito» que se encontra sob a influência de um princípio extrínseco qualquer⁴.

O termo latino “*passio*” provém do grego παθος (do verbo πασχω = padecer, sofrer um influxo qualquer, ser afetado de alguma maneira pelas coisas ou pelos eventos), o que significa na literatura grega:

1. o que acontece a uma pessoa ou a uma coisa;
2. as experiências que uma pessoa teve, especialmente as desagradáveis;
3. as emoções ou paixões da alma, como a alegria, a ira, etc.;

¹ Cf. Sapiencia Crucis XI (2010) 219-233.

² Cf. p. 240.

³ Cf. p. 246.

⁴ Cf. o verbete *Passione* in Enciclopédia Cattolica, Città del Vaticano, 1949, v. IX. Trad. do autor.

4. os estados ou condições nas quais se encontra uma coisa, ou as suas modificações;
5. as propriedades ou qualidades que se acrescentam à essência de um ser.

O substantivo “*passio, -nis*” (do verbo latino *pati* = sofrer, suportar algo, experimentar algo, encontrar-se num estado ou condição) significa na língua latina:

1. o ato de sofrer ou suportar um mal qualquer ou o impacto de um evento ou fenômeno;
2. a paixão ou o afeto da alma (como a tristeza, a alegria, etc.);
3. na linguagem filosófica, as propriedades ou as qualidades atribuídas a uma coisa, como quando se fala das “*passiones entis*”

III. Significado do termo “*passio*” no pensamento de S. Tomás

Para S. Tomás o termo “*passio*” pode ter diversos significados, que correspondem quase inteiramente àqueles que lhes dão os filósofos gregos. Podemos distinguir no pensamento de S. Tomás quatro significados análogos para o termo “paixão”:

1. no sentido *ontológico*: paixão é a propriedade de uma coisa, por exemplo, como quando dizemos que os transcendentais (*unum, verum, bonum et pulchrum*) são propriedades do ente (= *passiones entis*)⁵;
2. no sentido *lógico* (num sentido mais restrito): paixão é um dos dez predicamentos, oposto ao da ação (como o ser queimado é o oposto de queimar)⁶;
3. ainda no sentido *lógico*: paixão é a terceira espécie do predicamento da qualidade (*passio et patibilis qualitas*)⁷, ou seja, a qualidade segundo a qual se realiza a alteração;
4. no sentido *psicológico*: as paixões são as **formas especiais** do predicamento chamado “*passio*”, que se opõe à “*actio*”; nesta acepção elas são as modificações psicossomáticas do apetite sensitivo sob o

⁵ Cf. *De Ver.*, q.1, a.1; q.21, a.3; *De Potentia*, q.9, a.7 ad 6.

⁶ Cf. *In I Phys.*, lect. 5; *In V Metaph.*, lect. 9.

⁷ Cf. I-II q.49 a.2; q.50 a.2 ad 3; III q.63 a.2 ad 2.

influxo do conhecimento sensível de um objeto; estas são propriamente as paixões da alma⁸.

Se buscarmos evidenciar o uso do verbo “*pati*” (= sofrer) no pensamento de S. Tomás, encontraremos não menos que três significados:

1. qualquer tipo de recepção;
2. a recepção de uma qualidade conveniente ao sujeito (como a saúde) com expulsão da qualidade contrária (como a enfermidade);
3. a recepção de uma qualidade nociva (como a enfermidade) com a expulsão da qualidade conveniente (como a saúde).

Este último significado, diz S. Tomás, é aquele “*propriissimus*” para o verbo *pati* e para o substantivo *passio*⁹. Passemos a ler diretamente os textos. No primeiro texto, extraído da *Summa Theologiae*, ele se pergunta se existe alguma paixão na alma humana. A resposta é afirmativa, como segue:

Pati dicitur tripliciter. Uno modo communiter, secundum quod omne recipere est pati, etiam si nihil abiciatur a re: sicut si dicatur aerem pati, quando illuminatur. Hoc autem magis proprie est perfici, quam pati. Alio modo dicitur pati proprie, quando aliquid recipitur cum alterius abiectioe. Sed hoc contingit dupliciter. Quandoque enim abiciitur id quod non est conveniens rei: sicut cum corpus animalis sanatur, dicitur pati, quia recipit sanitatem, aegritudine abiecta. Alio modo, quando e converso contingit: sicut aegrotare dicitur pati, quia recipitur infirmitas, sanitate abiecta. Et hic est propriissimus modus passionis. Nam pati dicitur ex eo quod aliquid trahitur ad agentem: quod autem recedit ab eo quod est sibi conveniens,

⁸ Cf. I q.20 a.1 ad 1: “*Vis cognitiva non movet, nisi mediante appetitiva. Et sicut in nobis ratio universalis movet mediante ratione particulari [...] ita appetitus intellectivus, qui dicitur voluntas, movet in nobis mediante appetitu sensitivo. Unde proximum motivum corporis in nobis est appetitus sensitivus. Unde semper actum appetitus sensitivi concomitatur aliqua transmutatio corporis; et maxime circa cor, quod est primum principium motus in animali. Sic igitur actus appetitus sensitivi, in quantum habent transmutationem corporalem annexam, passionem dicuntur: non autem actus voluntatis. Amor igitur et gaudium et delectatio, secundum quod significant actus appetitus sensitivi, passionem sunt: non autem secundum quod significant actus appetitus intellectivi*”; veja-se também *In 3 Sent.*, d.15, 2, a.1, sol. 2; *De Ver.*, q.26, a.3; *In I Ethicorum*, lect.5; I-II, q.22, a.2 ad 3; q.24, a.2 ad 2.

⁹ Considerem-se também os seguintes textos: *In 2 Sent.*, d.35, q.5; *In 3 Sent.*, d.15, q.2, a.1; *De Verit.*, q.26, a.8; I-II, q.31, a.1 ad 3; q.35, a.1; q.41, a.1; *In Ioannem* c.13, lect.4, onde S. Tomás põe em evidência que as paixões têm como **ratio** (ou característica essencial) **a expulsão de uma qualidade natural ou conveniente ao sujeito e a recepção de uma outra nociva ou estranha a ele**. E como seu efeito concomitante, assinala S. Tomás uma “*transmutatio ad deterius*”, ou seja, uma mudança para um estado pior (cf. I-II, q.22, a.1 ad 3).

maxime videtur ad aliud trahi [...] Et his tribus modis contingit esse in anima passionem. Nam secundum receptionem tantum, dicitur quod sentire et intelligere est quoddam pati. Passio autem cum abiectioe non est nisi secundum transmutationem corporalem: unde passio proprie dicta non potest competere animae nisi per accidens, inquantum scilicet compositum patitur. Sed et in hoc est diversitas: nam quando huiusmodi transmutatio fit in deterius, magis proprie habet rationem passionis, quam quando fit in melius. Unde tristitia magis proprie est passio quam laetitia¹⁰.

Num segundo texto, do *De Veritate*, o Angélico explica como, por causa das mesmas razões mencionadas, as paixões que fazem referência ao mal ou que são de alguma maneira desagradáveis, mais devem se caracterizar como paixões do que aquelas que se referem ao bem ou que são agradáveis. E acrescenta que isto se dá por causa do coração, o qual, diversamente de quando se encontra nas suas disposições normais, pode dilatar-se ou inflamar-se ou então receber outra disposição quando o sujeito recebe as impressões sensíveis desagradáveis. E estas paixões podem ser tão fortes a ponto de causar a morte da pessoa. Eis o texto:

Dolor et tristitia et timor et aliae huiusmodi passiones quae sunt respectu mali habent rationem passionis magis quam gaudium et amor et alia huiusmodi quae sunt respectu boni, quamvis in his ratio passionis salvetur secundum quod cor per huiusmodi dilatatur vel accenditur, vel qualitercumque disponitur, aliter quam sit eius communis dispositio: unde ex huiusmodi affectionibus aliquem mori contingit¹¹.

Há também alguns textos onde S. Tomás sublinha que as alterações que se dão por meio das paixões não são simples alterações, mas alterações do tipo **nocivo e que têm uma referência ao mal**, bem como aquelas lamentáveis ou tristes. E assim como pode haver tais alterações nocivas que são pequenas e outras que trazem consigo um maior dano, de igual modo distingue S. Tomás, seguindo Aristóteles, um quarto tipo de paixão: as paixões que trazem consigo grandes danos, tais como as grandes calamidades e as grandes tristezas.

Ponit ergo [Aristoteles] quattuor modos, quibus passio dicitur. Uno modo dicitur qualitas secundum quam fit alteratio, sicut album et nigrum et huiusmodi. Et haec est tertia species qualitatis [...] Secundus modus est, secundum quod huiusmodi actiones qualitatis et alterationis, quae fiunt secundum eas, dicuntur passiones, et sic passio est unum praedicamentum,

¹⁰ Cf. I-II q.22 a.1.

¹¹ Cf. *De Veritate*, q.26, a.8.

ut calefieri et infrigidari et huiusmodi. Tertio modo dicuntur passiones non quaelibet alterationes, sed quae sunt nocivae et ad malum terminatae, et quae sunt lamentabiles sive tristes [...] Et quia illa quae sunt modica quasi nulla reputantur, ideo quarto modo dicuntur passiones, non quaecumque nocivae alterationes, sed quae habent magnitudinem nocimenti, sicut magnae calamitates et magnae tristitiae¹².

IV. A definição de “passio” segundo S. Tomás

Por fim, queremos ressaltar os textos onde S. Tomás nos oferece definições de “paixão”. Segundo ele, as paixões se caracterizam em primeiro lugar como atos **unicamente afetivos-sensitivos** e não como atos afetivos-intelectivos e muito menos cognoscitivos. Isto aparece claramente quando ele explica que nos atos afetivos o sujeito se move ao encontro das coisas, apeteendo-as como são em si mesmas e nos atos cognoscitivos o sujeito atrai a si as coisas a fim de conhecê-las em si mesmo:

In nomine passionis importatur quod patiens trahatur ad id quod est agentis. Magis autem trahitur anima ad rem per vim appetitivam, quam per vim apprehensivam. Nam per vim appetitivam anima habet ordinem ad ipsas res, prout in seipsis sunt: unde Philosophus dicit [...] quod bonum et malum, quae sunt obiecta appetitivae potentiae, sunt in ipsis rebus. Vis autem apprehensiva non trahitur ad rem, secundum quod in seipsa est; sed cognoscit eam secundum intentionem rei quam in se habet vel recipit, secundum proprium modum [...] Unde patet quod ratio passionis magis invenitur in parte appetitiva quam in parte apprehensiva¹³.

Além do mais, as paixões são atos **afetivos que estão sempre associados a alterações corporais especiais**, que ajudam a alcançar os fins intencionados pela mesma paixão (a consecução de um bem ou a superação de um mal). E isto acontece porque as paixões são atos do apetite sensitivo, o qual está essencialmente ligado a órgãos corporais:

Passio proprie invenitur ubi est transmutatio corporalis. Quae quidem invenitur in actibus appetitus sensitivi; et non solum spiritualis, sicut est in apprehensione sensitiva, sed etiam naturalis. In actu autem appetitus intellectivi non requiritur aliqua transmutatio corporalis: quia huiusmodi

¹² Cf. *In V Metaph.*, lect.20, nn. 1065-1066.

¹³ Cf. I-II, q.22, a.2.

appetitus non est virtutis alicuius organi. Unde patet quod ratio passionis magis proprie invenitur in actu appetitus sensitivi quam intellectivi¹⁴.

Por isso **os atos da paixão são compostos de dois elementos essenciais**, correspondentes à composição de matéria e forma existente no sujeito humano: um **elemento quase-formal** e um **elemento quase-material**. O primeiro elemento é o próprio movimento do apetite sensitivo, experimentado como algo de agradável ou desagradável, enquanto que o segundo é a modificação corporal correspondente a esta experiência:

In passionibus sensitivi appetitus, est considerare aliquid quasi materiale, scilicet corporalem transmutationem; et aliquid quasi formale, quod est ex parte appetitus. Sicut in ira, ut dicitur in I *De anima*, materiale est accensio sanguinis circa cor, vel aliquid huiusmodi; formale vero, appetitus vindictae¹⁵.

É necessário recordar ainda que para S. Tomás a paixão não convém à alma **“nisi per accidens”**, por causa do composto alma-corpo, uma vez que no ato da paixão quem padece é o composto e não a alma ou o corpo separadamente. Dado que a paixão pode trazer consigo uma modificação **corporal** para um estado pior, diz-se que só convém à alma acidentalmente:

... Passio autem cum abiectioe non est nisi secundum transmutationem corporalem: unde passio proprie dicta non potest competere animae nisi per accidens, in quantum scilicet compositum patitur. [...] quando huiusmodi transmutatio fit in deterius, magis proprie habet rationem passionis, quam quando fit in melius¹⁶.

Eis, portanto, algumas definições de **paixão** oferecidas por S. Tomás:

Dicit Damascenus, in II libro¹⁷, describens animales passiones: Passio est motus appetitivae virtutis in imaginatione boni vel mali. Et aliter: Passio est motus irrationalis animae per suspicionem boni vel Mali¹⁸.

¹⁴ Cf. I-II, q.22, a.3.

¹⁵ Cf. I, q.20, a.1 ad 2.

¹⁶ Cf. I-II, q.22, a.1.

¹⁷ *De fide Orth.* c. 22.

¹⁸ Cf. I-II, q.22, a.3 s. c.; *De Verit.*, q.26, a.3 s. c.

Sic igitur actus appetitus sensitivi, inquantum habent transmutationem corporalem annexam, passiones dicuntur¹⁹.

Passiones autem sunt motus appetitus sensitivi, qui utitur organo corporali; unde passiones omnes cum aliqua corporali transmutatione fiunt²⁰.

E a seguinte é a que nos parece ser a mais clara e completa, uma vez que menciona as operações do apetite sensitivo, o efeito de modificação do órgão corporal correspondente e acrescenta que, ao encontrar-se neste estado, o homem é de certo modo atraído pelo objeto:

Relinquitur ergo quod passiones proprie dicantur operationes appetitus sensitivi, quae sunt secundum transmutationem organi corporalis, in quibus homo quodammodo ducitur²¹.

Santiago Ramirez, o mais destacado tomista espanhol da primeira metade do século passado, depois de ter dado uma detalhada explicação sobre a natureza da paixão ao tratar a *Quaestio XXII* da *Prima Secundae*, chega a uma definição de paixão que resume as definições sintetizadas por S. Tomás. Eis o seu texto:

Unde merito definitur passio: “motus appetitus sensitivi consequens apprehensionem sensitivam boni vel mali sensibilis cum transmutatione (alteratione) corporali vel organica correspondenti”.

Dicitur, 1º, motus, quia passio proprie loquendo est motus passive sumptus seu mobilis; additur, 2º, appetitus sensitivi, quia appetitus sensitivus est proprium eius subiectum seu mobile; additur, 3º, consequens apprehensionem boni et mali sensibilis, quia passio est actus seu motus elicitus, ideoque consequens apprehensionem seu formam apprehensam, quae est forma proprii obiecti, nempe boni vel mali sensibilis seu corporalis. Et in his omnibus habetur elementum quasi formale vel psychicum. Denique additur, 4º, cum transmutatione vel alteratione corporali, hoc est, organica vel physiologica; quia hoc phaenomenon semper comittatur et est elementum eius quasi materiale. Talis ergo definitio est realis et essentialis et quidem psychologica²².

¹⁹ Cf. I, q.20, a.1 ad 1.

²⁰ Cf. *In 4 Ethicorum*, lect. 17, n. 869.

²¹ Cf. *In 2 Ethicorum*, lect. 5, n. 292.

²² Cf. J. M. RAMIREZ O.P., *Opera Omnia*, De Passionibus Animae, t.V, Madrid, 1973, pp.33-34.

V. Classificação das paixões da alma

S. Tomás discorre sobre a classificação das paixões em diversas obras: no “*Scriptum super Libros Sententiarum*” (3 Sent., dist. 26, q.1, a.3), na “*Quaestio Disputata De Veritate*” (q.26, a.4), na exposição “*In Decem Libros Ethicorum Aristotelis ad Nicomachum*” (1.2, lect. 5, nn. 292-296) e finalmente na *Summa Theologiae* (I-II, q.23, aa. 1-4).

Estas obras, como foram apresentadas aqui, correspondem à ordem cronológica de composição, quer dizer: o “*Scriptum super Libros Sententiarum*”, entre 1252 e 1256²³, a “*Quaestio Disputata De Veritate*”, entre 1256 e 1259²⁴, a exposição “*In Decem Libros Ethicorum Aristotelis ad Nicomachum*” no período entre 1261 e 1272 (junto com os comentários à Analítica, à Física e à Metafísica de Aristóteles)²⁵ e a *Summa Theologiae* entre os anos 1267 e 1274, sendo este último o ano da morte de S. Tomás, que não tinha terminado ainda a *III Pars*²⁶. Nestas obras, assim variadas como são, nos deparamos com diferentes exposições sobre a classificação das paixões. Todavia encontram-se aí os elementos comuns ou complementares que nos permitem ver estas mesmas paixões como um conjunto. Estes elementos são:

1. a divisão do apetite sensitivo – a sede das paixões – em duas potências: a potência *concupiscível* e a *irascível*, que geram as diversas paixões de acordo com os atos e os objetos próprios dessas potências (= o agradável e o doloroso)²⁷;
2. a potência concupiscível gera as paixões que se referem ao bem ou ao mal *em absoluto* (considerados simplesmente como tais) e a potência irascível gera outras que se referem ao bem *enquanto difícil de se alcançar* ou ao mal *enquanto difícil de se evitar*²⁸;
3. a direção do movimento em relação ao objeto, ou seja, movimento de *atração* pelo bem ou de *repulsa* do mal; deste modo temos uma

²³ Cf. M.-D. CHENU, O. P., *Toward Understanding Saint Thomas*, (do original francês *Introduction à l'étude de Saint Thomas d'Aquin*, Montreal-Paris, 1950), Henry Regnery Company, Chicago, 1964, pp. 267-268.

²⁴ *Id.*, p. 281.

²⁵ *Id.*, p. 205.

²⁶ *Id.*, p. 300, nota 3.

²⁷ Cf. I-II, q.23, a.1.

²⁸ *Ibid.*

oposição entre os dois termos, o que é característico para as paixões da potência concupiscível²⁹;

4. no que se refere à potência irascível, o objeto traz consigo, além desta oposição entre o bem e o mal, uma outra oposição, que é a de aproximação e distanciamento; por isso as paixões da irascível têm a característica da *dificuldade* ou do *esforço* que o objeto suscita³⁰;
5. os objetos aos quais se referem as paixões podem ser considerados enquanto *presentes* (por exemplo, um bem já alcançado, um mal já sofrido) ou *ausentes* (um bem alcançável ou não, um mal vencível ou não, ou seja, um bem ou um mal futuro)³¹;
6. as diferenças acidentais entre as paixões, devidas às diferenças materiais no objeto mesmo ou a uma maior ou menor intensidade no momento em que se dá a paixão³².

Deste modo S. Tomás chega a uma síntese de grande harmonia, enumerando onze paixões, como já havia feito Aristóteles, ainda que com outras nuances. Ao combinarmos, portanto, os elementos acima descritos, teremos as onze paixões com algumas das suas variantes mais destacadas. Deixemos então a palavra ao Angélico Doutor, lendo-o a partir do texto da *Summa Theologiae*:

In motibus autem appetitivae partis, bonum habet quasi virtutem attractivam, malum autem virtutem repulsivam. Bonum ergo primo quidem in potentia appetitiva causat quandam inclinationem, seu aptitudinem, seu connaturalitatem ad bonum: quod pertinet ad passionem amoris. Cui per contrarium respondet odium, ex parte mali. Secundo, si bonum sit nondum habitum, dat ei motum ad assequendum bonum amatum: et hoc pertinet ad passionem desiderii vel concupiscentiae. Et ex opposito, ex parte mali, est fuga vel abominatio. Tertio, cum adeptum fuerit bonum, dat appetitus quietationem quandam in ipso bono adepto: et hoc pertinet ad delectationem vel gaudium. Cui opponitur ex parte mali, dolor vel tristitia. In passionibus autem irascibilis, praesupponitur quidem aptitudo vel inclinatio ad prosequendum bonum vel fugiendum malum, ex concupiscibili quae absolute respicit bonum vel malum. Et respectu boni nondum adepti, est spes et desperatio. Respectu autem mali nondum iniacentis est timor et audacia. Respectu autem boni adepti, non est aliqua passio in irascibili: quia iam non

²⁹ *Id.*, a.2.

³⁰ *Ibid.*

³¹ *Id.*, a.4; *De Verit.*, q.26, a.4.

³² Cf. *In 3 Sent.*, d.26, q.1, a.3; *In 2 Ethic.*, lect. 5, nn. 292-296.

habet rationem ardui [...] Sed ex malo iam iniacenti, sequitur passio irae. Sic igitur patet quod in concupiscibili sunt tres coniugationes passionum: scilicet amor et odium, desiderium et fuga, gaudium et tristitia. Similiter in irascibili sunt tres: scilicet spes et desperatio, timor et audacia, et ira, cui nulla passio opponitur. Sunt ergo omnes passiones specie differentes undecim, sex quidem in concupiscibili, et quinque in irascibili; sub quibus omnes animae passiones continentur³³.

Considerando, portanto, os elementos que serviram de base para a classificação das paixões, encontramos a seguinte divisão:

- I. as ***paixões da faculdade concupiscível***: elas têm como objeto o bem ou o mal tomados em absoluto (ou *simpliciter*); o bem, como de fácil consecução e o mal como não árduo:
 1. quanto ao *bem*:
 - a) **amor** (também chamado amor inicial): quando se dá a apreensão de um bem presente; temos então um movimento de inclinação (conatural) da concupiscível àquele bem;
 - b) **desejo**: o movimento voltado a um bem enquanto futuro;
 - c) **alegria** ou **gáudio**: a fruição do bem presente, ou seja a sua posse;
 2. quanto ao *mal*:
 - a) **ódio**: quando se dá a apreensão de um mal presente; temos então um movimento de repulsa (conatural) da concupiscível diante desse mal;
 - b) **fuga**: o movimento de distanciamento de um mal futuro;
 - c) **tristeza**: quando o mal (presente) já se encontra no sujeito;
- II. as ***paixões da faculdade irascível***: elas têm como objeto o bem ou o mal tomados como *árduos*: o bem como de difícil consecução e o mal como difícil de repelir:
 1. quanto ao *bem*:
 - a) **esperança**: quando o bem ausente (futuro) é de possível alcance;
 - b) **desespero**: quando o bem ausente (futuro) é impossível de ser alcançado;

³³ Cf. I-II, q.23, a.4; veja-se também R. SINEUX O. P., *Sommaire Théologique de Saint Thomas d'Aquin, Première Partie et Deuxième Partie, première section*, Bordeaux, 1969, pp. 128-131.

2. quanto ao *mal*:

- a) **audácia**: quando o mal ausente (futuro) se demonstra superável;
- b) **temor**: quando o mal ausente (futuro) se demonstra insuperável;
- c) **ira**: quando o sujeito já sofreu o mal (árduo).

Vejamos em uma tabela o que acima foi exposto:

Potência sensitiva	Nome da paixão	Descrição da paixão	Objeto
Concupisível	Amor	Apreensão de um bem presente (inclinação conatural ao bem)	Bem (simplesmente considerado)
	Desejo	Movimento voltado a um bem enquanto futuro	
	Alegria (gáudio)	Fruição do bem presente, ou seja, a sua posse	
	Ódio	Apreensão de um mal presente (movimento conatural de repulsa)	Mal (simplesmente considerado)
	Fuga	Movimento de distanciamento de um mal futuro	
	Tristeza	O mal (não árduo) já se encontra no sujeito	
Irascível	Esperança	O bem ausente (futuro) é de possível alcance	Bem árduo (de difícil consecução)
	Desespero	O bem ausente (futuro) é de impossível alcance	
	Audácia	O mal ausente (futuro) se demonstra superável	Mal árduo (difícil de ser repellido)
	Temor	O mal ausente (futuro) se demonstra insuperável	
	Ira	O mal (árduo) já se encontra no sujeito	

VI. A moralidade das paixões

Para S. Tomás as paixões, como movimentos do apetite irracional, são indiferentes moralmente. Somente quando submissas ao influxo da razão e da vontade é que são sujeitos do bem e do mal e a partir de então passam a ter uma relevância moral. Os movimentos do apetite sensitivo

serão moralmente bons ou maus se forem voluntários, em outras palavras, ordenados pela vontade ou então não reprimidos por ela. E isto implica ao mesmo tempo ser conformes ou não à razão:

Passiones animae dupliciter possunt considerari: uno modo, secundum se; alio modo, secundum quod subiacent imperio rationis et voluntatis. Si igitur secundum se considerentur, prout scilicet sunt motus quidam irrationalis appetitus, sic non est in eis bonum vel malum morale, quod dependet a ratione [...] Si autem considerentur secundum quod subiacent imperio rationis et voluntatis, sic est in eis bonum et malum morale. Propinquior enim est appetitus sensitivus ipsi rationi et voluntati, quam membra exteriora; quorum tamen motus et actus sunt boni vel mali moraliter, secundum quod sunt voluntarii. Unde multo magis et ipsae passiones, secundum quod sunt voluntariae, possunt dici bonae vel malae moraliter. Dicuntur autem voluntariae vel ex eo quod a voluntate imperantur, vel ex eo quod a voluntate non prohibentur³⁴.

O Doutor Angélico se interroga ainda se as paixões podem ser boas ou más por sua própria espécie, ou seja, por sua natureza. E responde dizendo que sim. De fato, os atos podem ser considerados de dois modos: em geral, segundo a sua natureza, e enquanto participam da voluntariedade e do juízo da razão. Deste modo as paixões, se consideradas no primeiro caso, não têm um valor moral, se, porém, forem consideradas no segundo caso, então, sim, terão como objeto o bem ou o mal enquanto implicam *per se* uma conveniência ou dissonância com a razão:

Species actus vel passionis dupliciter considerari potest. Uno modo, secundum quod est in genere naturae: et sic bonum vel malum morale non pertinet ad speciem actus vel passionis. Alio modo, secundum quod pertinent ad genus moris, prout scilicet participant aliquid de voluntario et de iudicio rationis. Et hoc modo bonum et malum morale possunt pertinere ad speciem passionis, secundum quod accipitur ut obiectum passionis aliquid de se conveniens rationi, vel dissonum a ratione: sicut patet de verecundia, quae est timor turpis; et de invidia, quae est tristitia de bono alterius³⁵.

³⁴ Cf. I-II, q.24, a.1.

³⁵ *Ibid.*, a.4.

VII. A ordem existente entre as paixões

Este é o tema da questão 25 da *Prima secundae*, a última questão que trata das paixões em comum. Seguindo aqui Marcos Manzanedo O.P.³⁶, no que se refere ao ordenamento das paixões feito por S. Tomás, detenhamo-nos em primeiro lugar a considerar os critérios que tornaram possível este procedimento. Em seguida transcreveremos o seu ordenamento. Eis os critérios, seguidos por exemplos citados nos textos de S. Tomás:

1. Segundo a ordem das potências às quais pertencem, as paixões do apetite concupiscível são anteriores àquelas do irascível:

Irascibilis quodammodo ad concupiscibilem ordinatur sicut propugnatrix ipsius. Ad hoc enim necessarium fuit animali per irascibilem victoriam de contrariis consequi, ut concupiscibilis sine impedimento seu delectabili potiretur: cuius signum est inter animalia, scilicet propter coitum et cibum [...] Et inde est quod omnes passiones irascibilis habent et principium et finem in concupiscibili: nam ira incipit ex aliqua tristitia illata, quae est in concupiscibili; et terminatur post vindictam adeptam ad gaudium, quod iterum est in concupiscibili; et similiter spes incipit a desiderio vel amore, et terminatur in delectatione³⁷.

2. Como norma geral, as paixões que se referem ao bem são anteriores àquelas que têm o mal por objeto; porque o mal sempre supõe o bem e os atos afetivos referentes ao bem precedem os que se referem ao mal:

Malum privatio quaedam est [...] Privatio autem et forma privata in eodem subiecto sunt. Subiectum autem formae est ens in potentia ad formam, quod bonum est: nam in eodem genere sunt potentia et actus. Privatio igitur, quae malum est, est in bono aliquo sicut in subiecto³⁸.

Passiones quae pertinent ad fugam mali praesupponunt passiones quae pertinent ad prosecutionem boni, et passiones irascibilis praesupponunt passiones concupiscibilis³⁹.

Todas as paixões nascem do amor ao bem e tendem à união com o bem desejado. Deste modo, portanto, o amor é a primeira paixão

³⁶ Cf. M. F. MANZANEDO O.P., *La clasificacion de las pasiones o emociones*, em: Studium, Madrid, 1983, pp. 367-371.

³⁷ Cf. *De verit.*, q.25, a.2.

³⁸ Cf. *Contra Gent.*, III, cap.11.

³⁹ Cf. II-II, q.141, a.3 ad 1.

na ordem do aparecimento (ou da geração) e o gáudio é a primeira paixão na intenção (ou fim pretendido).

3. As paixões do apetite concupiscível que implicam repouso no bem (como o gáudio) são anteriores a todas as paixões do apetite irascível na ordem da intenção.
4. Entre as paixões concupiscíveis que implicam repouso no mal (como a tristeza) e as paixões irascíveis não se dá nenhuma ordem de intenção (o mal não pode ser apetecível em si mesmo), mas somente um certo tipo de ordem na execução, e esta ordem corresponde às paixões contrárias que implicam referência ao bem: o ódio, que é contraposto ao amor; a aversão, que é contrária ao desejo; a tristeza, que é contrária ao gozo.
5. Segundo a ordem do aparecimento, as paixões irascíveis são intermediárias entre aquelas concupiscíveis que implicam *movimento* para o bem ou para o mal (como o desejo e a fuga) e aquelas concupiscíveis que implicam *repouso* no bem ou no mal (como o gáudio e a tristeza)⁴⁰.
6. Se considerarmos as paixões concupiscíveis, observaremos nelas uma dupla ordem:
 - a) *ordem de geração*: 1. amor (e ódio), 2. desejo (e fuga), 3. gáudio (e tristeza);
 - b) *ordem de intenção*: 1. gáudio, 2. desejo, 3. amor.
7. As paixões irascíveis que implicam um acesso ao bem são, por si mesmas, anteriores àquelas que incluem um distanciamento do próprio bem (e vale o contrário para quanto se refere ao mal); deste modo temos: 1. esperança e desespero, 2. temor e audácia;
8. A ira é uma paixão especial, que implica tristeza pela ofensa recebida e desejo ou esperança de vingança. Por isso é enumerada como antepenúltima paixão (seguida somente pelo gáudio e pela tristeza).

Vemos assim que S. Tomás distingue principalmente duas ordens entre as diversas paixões: *a ordem da geração* ou da consecução e *a ordem da intenção* ou da finalidade:

- a) *segundo a ordem da geração ou do aparecimento das paixões*, temos: 1. o amor e o ódio, 2. o desejo e a fuga, 3. a esperança

⁴⁰ Cf. I-II, q. 25, a.1.

e o desespero, 4. o temor e a audácia, 5. a ira, 6. o gáudio e a tristeza.

b) *segundo a ordem da intenção ou da finalidade*, temos: 1. o gáudio (e o amor chegado à perfeição ou consumado), 2. o desejo (reforçado pela esperança), 3. o amor inicial (apreensão de um objeto “amável”).

Quanto ao segundo ponto acima descrito, ou seja, da ordem das paixões segundo a intenção, deve-se notar que o mal não pode ser intencionado por si mesmo e que por isso as paixões referentes ao mal *não são intencionadas*, mas somente intervêm como substitutivas daquelas paixões contrárias referentes ao bem: a tristeza substitui o gáudio, a fuga substitui o desejo, o desespero substitui a esperança, o ódio substitui o amor. Daí aparecer aqui a enumeração de apenas três paixões: gáudio, desejo e amor inicial.

VIII. Conclusão

O presente artigo, ainda que breve, nos mostrou como S. Tomás se dedicou a fundo ao tema das paixões, pois estava consciente da sua importância no caminhar do *homo viator* rumo ao seu fim último. Por estar profundamente arraigado na filosofia do ser, que é de caráter perene, seu pensamento nos ajuda hoje ainda a percorrer os caminhos tão misteriosos do comportamento humano, a entendê-lo e a procurar aplainar para o homem do século XXI o caminho da busca do bem e da fuga do mal.

Com isso, o Doutor Angélico nos permite entender que as paixões – todas elas – fazem parte da natureza do homem e que, por conseguinte, devem ser encaradas como algo natural em sua vida, no seu dia a dia e, na medida do possível, devem ajudá-lo a orientar seu olhar para o Bem por excelência, Bem absoluto e espiritual: Deus. De modo diverso dos estoícos, S. Tomás considera as paixões não como “enfermidades da alma”, mas como atos próprios de dois princípios distintos radicados na alma humana: a potência concupiscível e a irascível, que têm como objeto a elas proporcionado o bem ou o mal, considerados em seu aspecto sensível, sendo o bem de fácil ou de difícil consecução e o mal fácil ou difícil de se evitar.

Vimos também que “*passio*”, se opõe a “*actio*”. Ela não é uma ação, mas sim uma modificação de tipo psicossomático do apetite sensitivo sob o influxo do conhecimento sensível de um objeto. Corresponde então a

uma recepção, a um “padecer” da potência sensitiva, ao sofrer uma modificação, que tem o seu efeito no corpo ou em partes do corpo, como por exemplo, o tremor que sente diante de algo que infunde medo (temor), a exultação diante de um objeto que causa intensa alegria e assim por diante.

Para S. Tomás as paixões, se sujeitas de modo equilibrado à razão e à vontade, completam o ato humano, elas podem estar ao serviço dos atos meritórios que ele é chamado a realizar sempre de novo. E na raiz desta verdade antiga e sempre nova podemos entrever uma vez mais no pensamento de S. Tomás de Aquino aquela doutrina unitária e harmoniosa a respeito do homem, da qual tanto carece o pensamento moderno e pós-moderno.

João Batista Costa e Silva ORC

Índice

I. Introdução	234
II. Significado do termo “passio”	234
III. Significado do termo “passio” no pensamento de S. Tomás	235
IV. A definição de “passio” segundo S. Tomás	238
V. Classificação das paixões da alma	241
VI. A moralidade das paixões.....	244
VII. A ordem existente entre as paixões	246
VIII. Conclusão	248